

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
FILMar  
30 de Setembro de 2021

## O JOGO DA SARDINHA / 1946

*um filme de José de Oliveira Cosme*

**Realização:** José de Oliveira Cosme / **Imagem:** Álvaro Simões Lopes / **Direcção de Som:** Augusto Simões Lopes / **Assistente Geral:** F. Sousa Neves / **Assistente de Som:** Abel Escoto / **Montagem:** Cinerádio / Sistema Português de Registo de Som Lusofone / **Produção:** Invicta Filmes Independente (Portugal, 1946) / **Laboratório:** Lisboa Filme / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em ficheiro digital (suporte original em 35mm), preto e branco, digitalização pela Cinemateca Portuguesa, realizada no âmbito do projecto FILMar, falada em português / **Duração:** 20 minutos / **Estreia Comercial:** Ginásio (Lisboa), 30 de Agosto de 1946 / Primeira exibição na Cinemateca.

## RÓÐUR / 1972

*“Pescadores”*

*um filme de Þorgeir Þorgeirson*

**Realização, Argumento, Imagem e Montagem:** Þorgeir Þorgeirson / **Som:** Guomundur r Jónsoon / **Produção:** Islândia (1972) / **Cópia:** do The National Film Archive of Iceland, em DCP (suporte original em 16mm), cor, restauro digital do NFAI, falada em islandês e em inglês, sem legendas (poucos diálogos) / **Duração:** 19 minutos / **Primeira apresentação pública:** 17 de Novembro de 1972 / Primeira exibição na Cinemateca.

## ELMER OG BLOMSTERBÅTEN / 1998

*“Elmer e o Barco Florido”*

*um filme de Øyvind Sandberg*

**Realização, Argumento, Imagem, Montagem:** Øyvind Sandberg / **Comentário:** Trond Høvik / **Com:** Elmer Dyrøy / **Produção:** Øy-Film (Noruega, 1998) / **Cópia:** em DCP, cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 33 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 72 minutos

sessão com apresentação

---

Esta sessão decorre no âmbito no projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, ao abrigo do Mecanismo Financeiro de Apoio EEAGrants 2020-2024.

**Nota:** RÓÐUR apresenta diálogos muito escassos, que, ao contrário do anunciado, não serão legendados.

---

Formalmente muito diferentes e oriundos de universos distintos, os três filmes que compõem o programa de hoje têm em comum a sua relação com o mar, daí a sua escolha para esta que é a sessão inaugural do programa FILMar, registando os três o trabalho associado ao mar e o modo como as comunidades se organizam em seu torno em diferentes geografias, nomeadamente em Portugal, na Islândia e na Noruega. Países unidos assim por este projecto internacional que visa a digitalização do património cinematográfico ligado ao mar, desenvolvido com o apoio das EEAGrants

O filme mais antigo da sessão, O JOGO DA SARDINHA, é um objecto claramente promocional patrocinado por uma conserveira (a firma Feu Hermanos de Portimão), sendo aquele dos três títulos que menos investe numa postura autoral. O JOGO DA SARDINHA acompanha assim a modernização da indústria das conservas no Algarve e o modo como esta se relaciona com a faina piscatória no mar, cujo registo nos dá alguns dos momentos mais conseguidos do filme do ponto de vista fotográfico e etnográfico. Trata-se de um objecto que peca pela omnipresença da locução, que nos faz pensar na força das mesmas imagens se mudas, cujo comentário apenas reforça um discurso oficial visado pelo Estado Novo, em que se descortina todo um ideal de organização social. Realizado por José de Oliveira Cosme para a Invicta Filmes Independente, são de destacar algumas sequências de grande beleza e valor documental, como a do “teleférico” de cestos de sardinhas a caminho da fábrica, que precede a nossa entrada nesse grande centro de produção industrial, formado pelas fábricas de S. Francisco, em Portimão, e Santo António, na Mexilhoeira. De destacar o trabalho de som quando este acentua a vertente maquinal de um trabalho fabril que se quer enaltecer, mas que faz dos trabalhadores mais uma peça na linha de montagem.

RÓÐUR, o segundo filme da sessão, resultou de outra encomenda oficial ao realizador Þorgeir Þorgeirson (1933-2003) sobre a indústria pesqueira islandesa. Centrando-se na faina de uma pequena embarcação, o filme que foi posto de lado e censurado pela empresa que o encomendou, dado não corresponder à sua ideia de uma actividade em plena modernização e expansão, ditou o futuro de Þorgeir Þorgeirson, que abandonaria o cinema pouco tempo depois de realizar este curiosíssimo filme, que procurou concretizar com grande liberdade. Um ano depois de RÓÐUR Þorgeir Þorgeirson assinaria um romance, que o tornaria conhecido como escritor.

No fundo, RÓÐUR, com a sua vertente puramente observacional, muito atenta às atmosferas e às propriedades das coisas filmadas (neste caso a pesca e o mar), prossegue o trabalho anterior de Þorgeirson e a sua visão poética do mundo e do cinema, que, pela sua liberdade, o viria a inibir de filmar. São vários os seus filmes-poemas anteriores, entre eles MAÐUR OG VERKSMÍÐJA (1967), o documentário que precede este, e o seu filme mais conhecido, que descreve o mundo fechado de uma fábrica sem recurso a comentário *off*, diálogo ou música.

Realizado pelo norueguês Øyvind Sandberg, o terceiro filme da sessão, ELMER OG BLOMSTERBÅTEN parte das memórias de Elmer Dyrøy, que durante anos desenvolveu uma poética actividade sazonal que o levava de Oslo a uma ilha deserta da sua infância numa zona remota da Noruega, onde cultivava flores, que depois

distribuía de barco e vendia em localidades costeiras isoladas. Uma clara forma de reforçar o sentido de comunidade em zonas com poucos habitantes que, com Elmer e com as suas flores, viam chegar a época estival. Uma das mulheres que se dirige a um dos portos onde Elmer atraca o seu barco chega mesmo a afirmar: “É Verão, o Elmer chegou”.

Se Øyvind Sandberg, que faleceu muito recentemente, dedicou grande parte da sua obra documental ao retrato de seus conterrâneos noruegueses com modos de vida originais e em pleno desaparecimento, percebemos claramente o seu interesse por uma personagem como Elmer, no seu concomitante amor pelas flores, pelas cores e por todos aqueles que visita em isoladas aldeias à beira-mar, com o seu frágil barco repleto de flores que resiste contra a força do mar, sem nunca o atraiçoar.

Joana Ascensão